

**Dia Mundial das Comunicações Sociais:  
direcionamento institucional e “lugar de memória” a partir do decreto *Inter  
Mirifica*<sup>1</sup>**

*World Day of Social Communications:  
institutional direction and “place of memory from the Inter Mirifica decree*

*Silvana Seabra Hooper  
Marcus Túlio Oliveira Neto*

**Resumo**

O presente artigo investiga a comemoração anual do Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) enquanto momento de direcionamento institucional, convertendo-se num magistério comunicacional permanente e num “lugar de memória”. Para chegar a essas conclusões, fazemos uma retomada histórica da relação entre comunicação e igreja a partir dos estudos de José Marques de Melo (1985) e Joana Puntel (2008, 2011). A partir das contribuições do historiador Pierre Nora (1993), ao refletir sobre história e memória, nos apropriamos do conceito “lugar de memória” para compreender o compromisso eclesial com a comunicação como um meio de disseminar sua fé e valores, ao mesmo tempo em que se adapta às mudanças tecnológicas e sociais em curso serve para manter viva a herança espiritual e moral da Igreja no cenário contemporâneo de comunicação. Para materializarmos nossa análise, trazemos como objeto empírico o artigo 18 do Decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, que institui o DMCS e de excertos da primeira mensagem para a comemoração, do Papa Paulo VI, em 1967.

**Palavras-chave:** Lugar de memória. Comemoração. Comunicação. Igreja Católica. Memória.

**Abstract**

This article investigates the annual commemoration of World Day of Social Communications as a moment of institutional direction, becoming a permanent communicational magisterium and a "place of memory". To reach these conclusions, we

---

<sup>1</sup> Artigo escrito a partir de trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Religiões, durante o XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 6 de setembro de 2023.

take a historical look at the relationship between communication and the church, based on the studies of José Marques de Melo (1985) and Joana Puntel (2008, 2011). Based on the contributions of historian Pierre Nora (1993), when reflecting on history and memory, we use the concept of "place of memory" to understand the Church's commitment to communication as a means of disseminating its faith and values, while adapting to the technological and social changes taking place in order to keep the Church's spiritual and moral heritage alive in the contemporary communication scenario. In order to materialize our analysis, we bring as our empirical object article 18 of the *Inter Mirifica*, decree of the Second Vatican Council, which institutes the World Day of Social Communications, and excerpts from the first message for the commemoration by Pope Paul VI in 1967.

**Keywords:** Place of memory. Commemoration. Communication. Catholic Church. Memory.

## Introdução

Este artigo se insere no contexto da pesquisa de mestrado intitulada “Igreja em rede: análise comparativa das proposições dos papas Bento XVI e Francisco para a comunicação”, no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas, em que percebemos este aspecto histórico na celebração do Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) e que não estava previsto na investigação inicial.

O DMCS, criado em 1966 e celebrado a partir de 1967, no pontificado do Papa Paulo VI, no domingo da Ascensão, oferece um momento de reflexão sobre o papel da comunicação na difusão do Evangelho e na construção de pontes entre a Igreja e o mundo contemporâneo. De acordo com a tradição cristã, a Ascensão ocorreu 40 dias após a ressurreição de Jesus. Segundo os relatos do Novo Testamento, especificamente no Evangelho de Lucas e no livro dos Atos dos Apóstolos, Jesus apareceu a seus discípulos várias vezes durante estes 40 dias, ensinando e instruindo-os sobre o Reino de Deus. No final desse período, foi levado ao céu diante de alguns dos seus discípulos. A data escolhida faz alusão ao mandato que o próprio Jesus faz para ir e anunciar a sua mensagem e recorda o domingo em que foi celebrado o DMCS pela primeira vez.

Este artigo busca examinar, a partir da relação histórica e complexa da Igreja Católica com a comunicação, a instituição de um dia anual para celebração das Comunicações Sociais, e das mensagens publicadas para esta data, o seu direcionamento institucional para o campo e o estabelecimento de um lugar de memória.

Essas mensagens são elaboradas com base na reflexão teológica, na interpretação das Escrituras e na consideração dos desafios contemporâneos enfrentados pela sociedade e pelos fiéis. Assim, entendemos que o seu primeiro objeto é fornecer diretrizes e orientações claras para os católicos, seja os que atuam em mídias de inspiração católica, ou para os católicos que atuam no campo da comunicação pública. Ao se pronunciar sobre questões das mais variadas naturezas, o magistério busca contribuir para o debate público, influenciar a tomada de decisões e promover o bem comum.

O segundo objetivo é interpretar esta comemoração anual e as respectivas mensagens como “lugar de memória”, partindo do conceito criado pelo historiador

francês Pierre Nora.<sup>2</sup> O contexto histórico e intelectual em que Nora propôs esse conceito é marcado por preocupações sobre a perda da memória coletiva em sociedades modernas em rápida transformação. Para ele “não há memória espontânea”<sup>3</sup> e que para que ela aconteça é preciso criar, celebrar, registrar, portanto, não são operações naturais. Ele cunhou o termo “lugares de memória” para se referir a espaços físicos, rituais, celebrações e símbolos que ancoram a memória coletiva de uma sociedade. Esses lugares não apenas lembram eventos e valores passados, mas também servem como âncoras simbólicas para a identidade cultural e nacional.

Lisboa<sup>4</sup> destaca que comemorar faz parte da vida social, nas esferas públicas e privadas, portanto, entendemos que a comemoração anual DMCS, pode ser considerada um “lugar de memória”, pois desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão da memória coletiva na Igreja Católica, em sua relação com a comunicação, e na sociedade.

Em primeiro lugar deve-se destacar o caráter moderno do DMCS, que foi “inventado”. De forma geral, o calendário e a cronologia da Igreja Católica se referiam ao tempo litúrgico. Portanto a criação de um dia dedicado a uma questão civil revela a importância do tema para a instituição católica. Embora se justifique com uma narrativa de caráter religioso – “a ascensão do senhor” e busque efetivar um conteúdo religioso, o gesto parece se localizar mais naquilo que Benveniste chama de fixação por um “tempo linguístico, que ‘tem o próprio centro no presente da instância da palavra’”.<sup>5</sup>

## 1. Igreja Católica: distanciamentos e aproximações com a comunicação

Ao longo dos séculos, a Igreja Católica tem utilizado diversos meios de comunicação para disseminar sua mensagem religiosa, influenciar opiniões e alcançar seus fiéis. Dos monges copistas aos influenciadores digitais, do toque dos sinos nas torres dos templos aos padres que fazem dancinha no *TikTok*, o magistério eclesial demonstra uma grande preocupação em refletir sobre os impactos da comunicação na sua ação evangelizadora. Mais recentemente, a instituição tem se dirigido aos Novas Tecnologias da Informação (NTI)<sup>6</sup>

Pensadores como José Marques de Melo<sup>7</sup> e Joana Puntel<sup>8</sup> analisam tal relação, estabelecendo uma trajetória em que classificam períodos a partir de fatos históricos, como o período de algum papado; eventos religiosos, como a realização do Concílio Vaticano II; ou a publicação de algum documento, como o *Redemptoris Missio*, do Papa João Paulo II. Para os autores, não há um critério único para a definição das etapas que eles empreendem na sua análise. Além destes dois, Alvarenga<sup>9</sup> destaca que, “como pioneiro nestes estudos

<sup>2</sup> NORA, P., Entre memória e história.

<sup>3</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 13.

<sup>4</sup> LISBOA, K. M., Comemorações, memória, história e identidade, p. 35-91.

<sup>5</sup> BENVENISTE, E., citado por: LE GOFF, J., História e memória, p. 209.

<sup>6</sup> De agora em frente NTI.

<sup>7</sup> MELO, J. M., Igreja e Comunicação.

<sup>8</sup> PUNTEL, J., A Igreja a caminho na comunicação.

<sup>9</sup> ALVARENGA, R. C., Igreja Católica e os Meios de Comunicação Social, p. 2.

históricos e documentais destaca-se a figura de Romeu Dale, com sua obra clássica *Igreja e Comunicação Social*”, que é uma referência entre pesquisadores por reunir parte dos documentos oficiais da Igreja sobre comunicação entre 1487 e 1971. Há múltiplas leituras e classificações históricas, partindo das perspectivas de análises dos autores e enfoques escolhidos por eles. Zanon,<sup>10</sup> por exemplo, caracteriza o movimento comunicacional da Igreja a partir de três momentos: das praças ao púlpito; do púlpito ao estúdio; do estúdio à ágora digital. Há, contudo, uma convergência de análise sobre os passos dados pela Igreja no assunto comunicação, naquilo que pode ser visto como rejeição, aceitação, desconfianças, dentre outros.

Nesta pesquisa, partimos da categorização feita por Marques de Melo e Puntel, por nos ajudar a entender o movimento feito pela Igreja para aceitação da comunicação e no qual se insere o objeto de investigação, a celebração anual do DMCS. Marques de Melo, no XIII Congresso Brasileiro de Comunicação Social, realizado de 31 de outubro a 4 de novembro de 1984, apresentou proposta em que divide em quatro fases bem definidas desta relação Igreja e Comunicação que foram publicadas no ano seguinte com o título *Igreja e Comunicação* no livro que reúne as contribuições dos pesquisadores no congresso. Considerando que “as práticas de comunicação têm variado no tempo, correspondendo às mutações estruturais da instituição”,<sup>11</sup> Marques de Melo<sup>12</sup> assim classifica os períodos: 1) censura e repressão, que vai de Inocêncio VII ao século XIX; 2) aceitação desconfiada dos meios de comunicação, do pontificado de Leão XIII ao Concílio Vaticano II; 3) deslumbramento ingênuo com a reflexão empreendida no Concílio Vaticano II até a década de 1980; 4) avaliação crítica da comunicação, especialmente no contexto latinoamericano com o impulso da Assembleia de Medellín, em 1979.

Puntel, em 2008, revisita o estudo de Marques de Melo e na obra *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência* propõe uma nova fase, que ela chama de a grande “‘reviravolta’ da reflexão do magistério eclesial em relação ao mundo da comunicação”<sup>13</sup> e que define como “a quinta fase da relação Igreja-comunicação”.<sup>14</sup> Em 2011, no artigo *A Igreja a caminho na Comunicação*, novamente Puntel reconhece o sinal de mudança na compreensão desta relação, com “significativa evolução de pensamento”,<sup>15</sup> marcada pela passagem do simples uso dos meios de comunicação para “adquirir mais profundamente a cultura e a linguagem dos mídia”.<sup>16</sup> Neste texto, a autora apresenta as três fases iniciais de Marques de Melo, omitindo a fase da avaliação crítica, e considera a reviravolta como “uma nova fase da relação Igreja-Comunicação”<sup>17</sup> – a quarta, e não mais a quinta, como definira anteriormente. Alvarenga<sup>18</sup> destaca essa substituição feita pela autora e, a partir das

---

<sup>10</sup> ZANON, D., *Comunicar o Evangelho*.

<sup>11</sup> MELO, J.M., *Igreja e Comunicação*, p. 59.

<sup>12</sup> MELO, J.M., *Igreja e Comunicação*, p. 62-64.

<sup>13</sup> PUNTEL, J., *Cultura midiática e Igreja*, p. 131.

<sup>14</sup> PUNTEL, J., *Cultura midiática e Igreja*, p. 131.

<sup>15</sup> PUNTEL, J., *A Igreja a caminho na comunicação*, p. 233.

<sup>16</sup> PUNTEL, J., *A Igreja a caminho na comunicação*, p. 233.

<sup>17</sup> PUNTEL, J., *A Igreja a caminho na comunicação*, p. 232.

<sup>18</sup> ALVARENGA, R. C., *Igreja Católica e os Meios de Comunicação Social*, p. 4-5.

contribuições de Dale, Marques de Melo e Puntel, apresenta um quadro sintético com os documentos eclesiais correspondentes a cada período.

## 2. Magistério comunicacional da Igreja: um dia anual para celebrar e instruir.

Nesta trajetória de distanciamentos e aproximações, um evento que merece destaque na caminhada eclesial é o Concílio Vaticano II,<sup>19</sup> que significou uma oportunidade para a Igreja dialogar com o mundo contemporâneo. A publicação do Decreto *Inter Mirifica*,<sup>20</sup> assinado em 4 de dezembro de 1963, é um “divisor de águas no universo dos discursos da Igreja sobre comunicação”<sup>21</sup> e impacta internamente na sua comunicação e também na forma como se relacionará daí em diante com os meios de comunicação.

O período de realização do Concílio Vaticano II, segundo Puntel é marcado por transformações sociais e tecnológicas de grande expressão e, “no campo da comunicação, dá-se uma mudança brusca de rota”,<sup>22</sup> que pode ser sentida no seu único documento dedicado à comunicação. Nesse trecho do *Inter Mirifica* é assegurada a obrigação da Igreja utilizar os instrumentos de comunicação social para a cumprir a necessidade imperiosa para a sua atualização.

A relevância deste decreto está em “compreender a evolução da comunicação, nas suas mais diferentes expressões, como linguagem, cultura e, sobretudo, como elemento articulador da sociedade”.<sup>23</sup> Contudo o caminho que para chegar a essa compreensão não foi tão simples. Por mais que expressasse o desejo da Igreja abrir as portas aos desafios e potencialidades da comunicação, “foi o documento do Vaticano II aprovado com o maior número de votos contrários”,<sup>24</sup> mesmo com uma versão prévia elaborada um ano antes. Além disso, Cosmo da S. Dias ressalta que “quando João XXIII realizou a primeira consulta, sobre os assuntos que deveriam entrar na pauta do Concílio, os meios de comunicação não foram sequer mencionados”.<sup>25</sup> O fato mostra o quanto a comunidade eclesial se postava com pouco ou interesse contrário às comunicações, no seu sentido contemporâneo. Puntel<sup>26</sup> assinala a redução do documento preparatório para versão final, de 114 para 24 artigos, ou parágrafos.

---

<sup>19</sup> Evento da Igreja Católica, convocado pelo Papa João XXIII, com início em 1962 e término em 1965. Trata-se de uma reunião com bispos de todo o mundo, discutindo os principais assuntos do catolicismo, principalmente a sua relação com o mundo contemporâneo. É considerado um dos maiores acontecimentos da Igreja Católica nos últimos tempos.

<sup>20</sup> O nome do documento, em português, significa “Entre as maravilhas” correspondendo às primeiras palavras do texto “*Inter mirifica technicae artis inventa...*”, cuja tradução em português é “Entre as maravilhosas invenções da técnica”. Tradicionalmente, os documentos pontifícios são escritos em latim e o seu título corresponde à primeira expressão presente no texto.

<sup>21</sup> CORAZZA, H.; PUNTEL, J., Os papas da comunicação, p. 26.

<sup>22</sup> PUNTEL, J., A Igreja a caminho na comunicação, p. 223.

<sup>23</sup> CORAZZA, H.; PUNTEL, J., Os papas da comunicação, p. 24.

<sup>24</sup> PUNTEL, J. Cultura midiática e Igreja, p. 123.

<sup>25</sup> COSMO DA S; DIAS, T., O Dia Mundial das Comunicações Sociais, p. 2.

<sup>26</sup> PUNTEL, J., A Igreja a caminho na comunicação, p. 223.

A versão aprovada do *Inter Mirífica* apresenta a seguinte divisão: “uma breve introdução (2 artigos); o capítulo 1, com 10 artigos destinados à doutrina; o capítulo 2, com 10 artigos relacionados à ação pastoral; e os 2 artigos da conclusão.”<sup>27</sup> E no artigo 18 encontra-se o mandato para a celebração anual do DMCS.

Para que se revigore o apostolado da Igreja em relação com os meios de comunicação social, **deve celebrar-se em cada ano em todas as dioceses do mundo, a juízo do Bispo, um dia em que os fiéis sejam doutrinados a respeito das suas obrigações nesta matéria**, convidados a orar por esta causa e a dar uma esmola para este fim, a qual ser destinada a sustentar e a fomentar, segundo as necessidades do orbe católico, as instituições e as iniciativas promovidas pela Igreja nesta matéria.<sup>28</sup>

Conforme ressaltam Corazza e Puntel, mesmo com a definição de criação por meio do Decreto, em 1963, “a criação do Dia Mundial aconteceu em 1966 e a sua primeira celebração deu-se em 1967”,<sup>29</sup> domingo da Ascensão do Senhor, marcando, assim, a data fixa para sua celebração.

Anualmente, os papas publicam uma mensagem para o DMCS, divulgada tradicionalmente no dia 24 de janeiro, memória litúrgica de São Francisco de Sales. Este santo que viveu no século XVI e que foi bispo em Genebra foi declarado padroeiro dos jornalistas pelo Papa Pio XI, em 1923. É um reconhecimento pelo seu apostolado no campo da comunicação com a impressão de livros e folhetos. Segundo Corazza e Puntel,

o percurso que os pontífices fazem com suas mensagens visibiliza temáticas e problemas que o mundo vive diante das mudanças culturais, sociais, políticas, econômicas, colocando em evidência os direitos e os deveres do cristão diante dos meios de comunicação, da paz do mundo, da liberdade religiosa, da necessidade de formação crítica diante das influências da mídia na família, nas crianças e nos jovens.<sup>30</sup>

**Tabela 1 – Mensagens do DMCS por pontífices**

Papa	Período do pontificado	Número de mensagens	Principais temáticas <sup>31</sup>
Paulo VI	1963-1978	12	Lugar dos meios de comunicação na sociedade e na Igreja; a evangelização no mundo contemporâneo; a educação para a comunicação; direitos e deveres do ser humano
João Paulo I	1978	0 <sup>32</sup>	Por ter tido um pontificado de 33 dias,

<sup>27</sup> PUNTEL, J., *A Igreja a caminho na comunicação*, p. 224.

<sup>28</sup> IM 18, grifo nosso.

<sup>29</sup> CORAZZA, H.; PUNTEL, J., *Os papas da comunicação*, p. 24.

<sup>30</sup> CORAZZA, H.; PUNTEL, J., *Os papas da comunicação*, p. 10.

<sup>31</sup> As temáticas consideram a leitura de todas as mensagens e os apontamentos feitos por Corazza e Puntel (2019) sobre cada pontificado.

<sup>32</sup> Seu único aceno à temática da comunicação está no discurso aos representantes da imprensa internacional, proferido em 1 de setembro de 1978.

<b>Papa</b>	<b>Período do pontificado</b>	<b>Número de mensagens</b>	<b>Principais temáticas<sup>31</sup></b>
			não publicou nenhuma mensagem para o DMCS.
João Paulo II	1978-2005	27	Compromisso da Igreja com o mundo das comunicações no desenvolvimento das novas tecnologias; centralidade do ser humano; preocupações éticas, morais e sociais; cuidado com os comunicadores.
Bento XVI	2005-2013	8	Abertura para o mundo digital e as encruzilhadas da evolução tecnológica; protagonismo de sujeitos eclesiais (crianças, sacerdotes, ); novas relações com a cultura midiática.
Francisco	2013 - ...	10	Comunicação como cultura do encontro a partir dos desafios da cultura contemporânea; testemunho dos comunicadores na rede; linguagem simples e acessível por meio de imagens; estilo comunicativo dos cristãos marcado pela proximidade.

Fonte: Elaborado pelos autores

A comemoração anual do DMCS, conforme o artigo do *Inter Mirifica* citado anteriormente é “para que os fiéis sejam doutrinados a respeito das suas obrigações nesta matéria”.<sup>33</sup> O texto eclesialístico traz linguagens e características do período em que foi escrito, na década de 1960. O verbo doutrinar, por exemplo, mais do que a divulgação de uma doutrina, é utilizado sentido de instruir, formar acerca da missão da Igreja no campo da comunicação. Vemos nesta obrigação, como o próprio texto conciliar aponta, uma oportunidade anual de direcionamento institucional e permanente da Igreja Católica no campo da comunicação. A condição de “lugar de memória” concede, nesse sentido que a ponte entre o passado e o presente, justifiquem tanto a mudança quanto as relações desta alteração com as anteriores manifestações.

No cenário eclesial, o principal acontecimento é o próprio Concílio Vaticano II, com suas profundas renovações na comunicação, na liturgia, no diálogo ecumênico e inter-religioso, dentre outros aspectos. No cenário social mundial, encontraremos os movimentos de luta pela igualdade dos direitos civis nos Estados Unidos, os protestos estudantis e os movimentos contra a Guerra do Vietnã, a reivindicação da igualdade de gênero pelo movimento feminista e o surgimento da contracultura, com o movimento *hippie* sendo um

<sup>33</sup> IM 18.

dos seus principais expoentes. O deslocamento da política, do campo macro (Estado, associações representativas etc.) para o micro (costumes, cultura), demarca também um outro lugar para a atuação das antigas instituições. Embora esta compreensão apenas surja de forma indireta, a criação do DMCS pode ser considerada inicialmente como um gesto sem maiores questões políticas, ou não relevantes, como mostra a resistência da comunidade em aceitar a discutir a questão. Por outro lado, a criação do DMCS mostra um entendimento bastante contemporâneo e mesmo “*avant la lettre*”.

Entendemos que esta celebração, percorrendo as principais temáticas conforme pode ser visto na Tabela 1, refletiu-se em uma intenção da Igreja em dialogar com os fiéis e com o mundo, atualizando seu discurso comunicacional e suas práticas comunicativas, diante das necessidades de formação para a comunicação, inclusive, superando um reducionismo de utilização dos meios. Conforme ressaltam Corazza e Puntel é o momento para,

o estudo, a reflexão, análise, ação e oração no que concerne à comunicação, [...] demonstrando, através de seus conteúdos, uma grande atualização do Magistério, no mundo das comunicações, e qual deveria ser o comportamento cristão.<sup>34</sup>

Assim, a mensagem anual para o DMCS direciona a atenção da Igreja para o seu dever de “investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”.<sup>35</sup> Esta expressão, mesmo não sendo do documento sobre comunicação ao qual temos nos referido, é fundamental para compreender este movimento de abertura que citamos anteriormente.

Adaptar-se às mudanças nas formas de comunicação é a tomada de consciência que as transformações estavam acontecendo, e que muitas outras aconteceriam. Isso cria um contexto em que a Igreja se propõe a fazer uma comunicação propositiva e não apenas fortalece a conexão com os fiéis, com os comunicadores e com a sociedade, compartilhando valores em um contexto globalizado e interconectado.

### 3. A comemoração do DMCS como “lugar de memória”

Um conceito que acionamos para pensar o DMCS é o “lugar de memória”, introduzido pelo historiador francês Pierre Nora em sua série de livros intitulada “*Les Lieux de Mémoire*”, publicada entre 1984 e 1992. Para este artigo, nos servimos da tradução brasileira de parte do tomo I, sobre a República, publicada em 1993 sob o título “Entre memória e história: a problemática dos lugares”.

É importante ressaltar essa série de ensaios surgiu na França em um momento de reflexão profunda sobre a identidade nacional, a cultura e a história, em que muitos elementos da memória coletiva estavam sendo perdidos devido à rápida transformação social, cultural e tecnológica. Para preservar esses elementos significativos do passado, ele propôs a noção de “lugares de memória” como espaços físicos e simbólicos nos quais a memória coletiva seria ancorada. Portanto, não foi um conceito criado no contexto

---

<sup>34</sup> CORAZZA, H.; PUNTEL, J., Os papas da comunicação, p. 26.

<sup>35</sup> GS 4

religioso e sim da história nacional francesa. Aqui estamos nos apropriando do conceito, a partir de sua discussão teórica, que consideramos úteis para pensar o sentido da comemoração do DMCS como um lugar de memória.

O que Nora define por lugar de memória? Para o historiador,

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados na mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. **Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria.**<sup>36</sup>

Esta definição é fulcral na apropriação que estamos fazendo, pois os "lugares de memória" como construções culturais deliberadas, estimuladas que encapsulam eventos, símbolos e tradições e que definem a identidade de um grupo ou sociedade e que, se não forem registrados, ou se não forem comemorados, correm o risco do esquecimento, como afirma Nora.

Nora faz a distinção de que história e memória não são sinônimas, que “tudo opõe uma à outra”<sup>37</sup> e que o “lugar de memória” encontra-se na encruzilhada destes dois movimentos. A encruzilhada representa o ponto de encontro e a interação entre a história, que se refere aos eventos e processos passados, e a memória, que é a forma como esses eventos são lembrados, reinterpretados e transmitidos ao longo do tempo.

O historiador está argumentando que os "lugares de memória" são espaços onde a história e a memória se entrelaçam de maneira significativa. “De um lado um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo da história sobre si mesma; de outro lado, um movimento propriamente histórico, o fim de uma tradição de memória”.<sup>38</sup>

Nora está sugerindo que há duas tendências interligadas: uma reflexão crítica por parte dos historiadores sobre a natureza da história e uma mudança na tradição de memória, possivelmente levando ao declínio ou transformação das formas tradicionais de transmitir o passado.

A utilização de “lugares de memória” tem sido, desde sua primeira utilização por Pierre Nora em 1984, um termo com diversas apropriações, críticas e comentários. A dimensão do projeto pode ter sido nacional, mas acabou se extrapolando os limites iniciais e ganhou status de um conceito que pertence estudos sobre a memória em escala internacional. Por outro lado, se lançamento do termo pretendia uma maior amplitude do que chamaríamos de “locais”, colocando em cena não apenas monumentos e museus, mas também considerando cidades, personagens e toda sorte de símbolos, seu objetivo foi atingido. A pretensão de ocupar um espaço intermediário entre a história e a memória permite ao conceito ‘lugares de memória’ o papel de ligação entre o passado e o presente como uma espécie de senso residual de continuidade. De fato, a ideia de real ou verdadeiro em Nora, pode ecoar na discussão atual, como atuações estimuladas, não

---

<sup>36</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 13, grifo nosso.

<sup>37</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 9.

<sup>38</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 12

necessariamente à tantas vezes discutida como uma “comunidade orgânica de lembrança”.<sup>39</sup> O que nos interessa no conceito para além de sua possibilidade desfocada apenas do nacional e, portanto, mais como analogia aos processos memorialísticos gerais, é sua discussão sobre o caráter da comemoração e como invenção destacada por processos contemporâneos, nos quais a descrição e avaliação do DMCS tem lugar.

O estabelecimento de “lugares de memória”, para Nora, por não pertencer a um único domínio, torna-se interessante e, ao mesmo tempo, complexo: “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”.<sup>40</sup> Entre fato e memória, entre objetividade e subjetividade.

Pensar a elaboração de um conceito radicado na palavra lugar, que é uma expressão polissêmica, podemos ser tentados a considerar apenas algo físico ou espaço geográfico como “lugar de memória”, o que não seria compatível para uma comemoração anual. Por isso Nora afirma que “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, **material, simbólico e funcional**, simultaneamente, somente em graus diversos.”<sup>41</sup> Na comemoração do DMCS tem, em maior grau, um caráter funcional, uma tentativa em fixar a história criando para tanto uma memória.

Nessa relação complexa, destaca o autor, que não há exclusividade de uma ou outra dimensão, entre memória e história, entre matéria, simbolismo e funcionalidade, pois “os três aspectos coexistem sempre”.<sup>42</sup> A instituição de um dia, por parte da Igreja Católica, para celebrar o Dia Mundial das Comunicações Sociais e a publicação anual de uma mensagem alusiva à comemoração podem ser compreendidos como “lugar de memória” à medida que, compreendidos os domínios da história e da memória, se identificam as três dimensões destacadas por Nora.

As mensagens possuem todas as dimensões. Material enquanto discurso materializado numa publicação impressa e digital em data específica, 24 de janeiro; funcional enquanto cumprem a finalidade de orientar os comunicadores e os fiéis católicos sobre as temáticas previstas a cada ano; simbólica, porque é uma chamada recorrente para fazer memória daquela data que foi instituída há quase 60 anos.

Outro elemento que nos permite identificar as mensagens como “lugar de memória” está no que Nora define como “vontade de memória” para se referir ao desejo ou à intenção de preservar e relembrar eventos, pessoas e lugares significativos do passado. Essa é uma ideia central na abordagem de Nora.

Ou seja, há uma intencionalidade de quem cria um lugar de memória, dada à sua importância para um grupo ou sociedade. O autor explica o que distingue uma memória a ser comemorada de outros tantos feitos.

---

<sup>39</sup> HALBWACHS, M., A memória coletiva; RICCEUR, P., A memória, a história, o esquecimento.

<sup>40</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 21.

<sup>41</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 21, grifo nosso.

<sup>42</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 22.

Se o princípio dessa prioridade fosse abandonado, rapidamente derivar-se-ia de uma definição estreita, a mais rica em potencialidades, para uma definição possível, mais maleável, susceptível de admitir na categoria todo objeto digno de uma lembrança.<sup>43</sup>

A “vontade de memória”, destacada por Nora e marcada por esta intencionalidade, pode ser vista tanto no ato de instituição do Dia Mundial das Comunicações, conforme já acenamos a partir do decreto pontifício, como na primeira mensagem escrita pelo Papa Paulo VI, em que retoma a intencionalidade de tal comemoração.

**Com esta iniciativa**, proposta pelo Concílio Vaticano II, a Igreja, que “se sente intimamente solidária com o gênero humano e com a sua história”, (*Gaudium et spes*, Proêmio) **quer chamar a atenção dos seus filhos e de todos os homens de boa vontade para o vasto e complexo fenômeno dos modernos meios de comunicação social**, como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão, que são uma das notas mais características da civilização moderna.<sup>44</sup>

Nesta mensagem, intitulada “Os Meios de Comunicação Social”, ele abordou o papel dos meios de comunicação na sociedade moderna e enfatizou a importância de usá-los para fins construtivos e éticos. “Formulamos, por isso, o voto que o “Dia Mundial” seja ocasião para um consciente chamado a um despertar saudável das consciências e a um empenho solidário de todos por uma causa de tão grande importância”.<sup>45</sup>

Na mensagem, o Papa Paulo VI dá o tom do envolvimento da Igreja no campo das comunicações: “contribuição de inspiração, de encorajamento, de exortação, de orientação, de colaboração”.<sup>46</sup>

## Conclusão

Buscamos, neste artigo, explorar a relação da Igreja Católica com a comunicação e a instituição de um dia anual dedicado às comunicações sociais, reconhecendo a importância da comunicação como instrumento de evangelização e formação da opinião pública. A comemoração deste dia e a mensagem anual publicada pelos papas são abordadas como lugares de memória e espaço para direcionamento institucional, orientando os católicos em sua ação no campo comunicacional.

Ao aplicar o conceito de “lugar de memória” à discussão sobre o DMCS, podemos ver uma conexão com as características apontadas por Nora. Assim como a Igreja Católica busca preservar sua mensagem e valores através da comunicação, ela também busca criar “lugares de memória”, no sentido atribuído por Nora, em forma de celebrações anuais e eventos significativos, como o próprio Dia Mundial das Comunicações Sociais. Esses momentos específicos no calendário religioso tornam-se “lugares” nos quais a Igreja reafirma sua identidade enquanto instituição que comunica, compartilha sua mensagem e preserva sua conexão com os fiéis e com a sociedade em geral. O tema

<sup>43</sup> NORA, P., Entre memória e história, p. 22.

<sup>44</sup> PAULO VI, PP., Os meios de comunicação social, grifos nossos.

<sup>45</sup> PAULO VI, PP., Os meios de comunicação social, grifos nossos.

<sup>46</sup> PAULO VI, PP., Os meios de comunicação social, grifos nossos.

apresentava-se de difícil aceitação no interior da comunidade eclesial e nesse sentido, sua “invenção” parece ter sido um gesto que buscava institucionalizar sem fazer, como usualmente a Igreja Católica fazia, uma ligação estritamente ligada às datas predeterminadas fosse pelo calendário religioso (Novo Testamento), fosse pela história dos santos.<sup>47</sup>

Podemos considerar também o DMCS como um "lugar de memória" eclesial, no qual a Igreja renova seu compromisso com a comunicação como um meio de disseminar sua fé e valores, ao mesmo tempo em que se adapta às mudanças tecnológicas e sociais em curso, e mesmo atua mais diretamente, para colocação de questões que o papado considera necessárias. Não se trata apenas de uma comunicação para dentro, para os seus fiéis, mas, especialmente, naquilo que ela pode contribuir para o progresso humano, como era o desejo do Concílio Vaticano II. Assim como os "lugares de memória" de Nora são construídos para manter viva a herança cultural, o DMCS serve para manter viva a herança espiritual e moral da Igreja no cenário contemporâneo de comunicação.

### Referências bibliográficas

ALVARENGA, R. C. Igreja Católica e os Meios de Comunicação Social: apontamentos sobre as fases da Relação Igreja-Comunicação a partir de Documentos Pontifícios. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual, INTERCOM**. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Inter Mirifica**: sobre os meios de comunicação social. [4 de dezembro de 1963] Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html)> . Acesso em 10 jul. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**: a Igreja no mundo atual. [7 de dezembro de 1965] Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em 21 ago. 2023.

CORAZZA, H.; PUNTEL, J. **Os papas da comunicação**: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais. São Paulo: Paulinas, 2019.

COSMO DA S. DIAS, T. O Dia Mundial das Comunicações Sociais: uma salutar trajetória. **Revista Contemplação**, n. 28, 2022. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/340>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vórtice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LISBOA, K. M. Comemorações, memória, história e identidade. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., e BIONDI, L. **A Universidade Federal de São**

<sup>47</sup> Ver em especial LE GOFF, 1990 -Calendário (verbetes).

**Paulo aos 75 Anos:** ensaios sobre história e memória [online]. São Paulo: Unifesp, 2008. p. 35-91.

MELO, J. M. Igreja e Comunicação. In: SOARES, I. O.; PUNTEL, J. T. (Orgs.). **Comunicação, Igreja e Estado na América Latina**. São Paulo: UCBC-Paulinas, 1985.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PAULO VI. **Os meios de comunicação social**. Mensagem para o 1º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19670507\\_i-com-day.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html)>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PUNTEL, J. A Igreja a caminho na comunicação. **Teocomunicação**, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul./dez. 2011.

PUNTEL, J. **Cultura midiática e Igreja:** uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Pastoral da Comunicação. Série Comunicação e Cultura).

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ZANON, D. **Comunicar o Evangelho:** panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Ecclesia Digitalis).

**Silvana Seabra Hooper**

Doutora em Literatura Comparada, Professora e Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas  
Belo Horizonte / MG – Brasil  
Email: silhooper@gmail.com

**Marcus Túlio Oliveira Neto**

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas  
Belo Horizonte / MG – Brasil  
Email: soumarcustullius@gmail.com

Recebido em: 22/08/2023

Aprovado em: 31/10/2023